

Leite



[Clique aqui para abrir a imagem](#)

Invasão silenciosa

Ausência de evidências torna mastite subclínica uma perigosa ameaça à produção leiteira

Sem dúvida, a mastite é a principal doença que afeta a produção leiteira, não importando sua origem, sua forma de contágio ou seu agente causador. E, se não prevenida e/ou tratada, pode se tornar uma verdadeira dor de cabeça ao criador. A enfermidade pode se apresentar na forma subclínica, quando não há nenhuma alteração visual no leite e úbere, e na forma clínica, quando se percebem alterações visuais nas características do leite. Entretanto, ainda assim, o contamina a ponto de diminuir sua qualidade com aumento da Contagem de Células Somáticas (CCS), células de defesa do organismo e de descamação, indicando que há um processo infeccioso na glândula mamária. Por ficar invisível no rebanho, a mastite subclínica é responsável pelo maior número de casos da doença nas fazendas, e, por isso, responsável pelo maior impacto no investimento da atividade. A falta de cuidado no manejo com os animais é a maior causa da infecção. Geralmente, são as próprias mãos dos ordenhadores e as teteiras que potencializam a circulação dos agentes infecciosos entre os animais quando não há os devidos cuidados e a higiene necessária à ordenha. Além disso, como o diagnóstico das mastites subclínicas não é uma rotina em muitas fazendas, muitos produtores acabam ordenhando vacas infectadas juntamente com as saudáveis, contribuindo para a transmissão. Até mesmo as moscas podem ser vetores capazes de transmitir alguns agentes infecciosos, como o *Staphylococcus aureus*, exemplo emblemático disso. Já a outra forma da doença, a mastite clínica, está mais relacionada à fonte de infecção através do ambiente. Se os animais são estabulados, conduzidos e ordenhados em

estruturas com pouca higiene, os casos devem aumentar. Essa forma da doença, geralmente, pode ser aguda e evidente. O leite pode mudar de cor e textura, podendo até apresentar sangue e pus. Além disso, os quartos infectados ficam inchados, o que não ocorre nos casos subclínicos. Para o produtor, no entanto, não importa a forma com que a mastite se apresente no animal: ambas causam danos, diminuem o volume de leite produzido, prejudicam a qualidade e aumentam os custos da produção, podendo se tornar crônica e levar as vacas ao descarte prematuro do rebanho. Para diminuir as chances de a mastite se proliferar no rebanho, o pecuarista deve manter algumas medidas básicas e simples de manejo e higiene na propriedade: - Realize testes frequentes com amostras de leite individual das vacas para acelerar os diagnósticos da mastite subclínica; - No momento da ordenha, o produtor deve deixar as vacas infectadas para serem ordenhadas por último, diminuindo as chances de contato dos animais saudáveis com os microrganismos responsáveis pela mastite; - Higienizar os tetos e materiais de ordenha, além de utilizar as técnicas de pré e pós dipping (desinfecção dos tetos antes e depois da ordenha) são ótimas e simples medidas para prevenção da mastite. O produtor responsável também deve investir no tratamento das vacas com mastite tanto na lactação quanto no período seco. Na lactação é imprescindível usar antibióticos com eficácia comprovada contra o microrganismo em questão e que possuam período de carência (descarte do leite) relativamente curto, apresentando segurança na comercialização e qualidade do leite para o consumo humano. Já a Terapia Vaca Seca é um protocolo que tem esse nome porque é feito no período em que a vaca não produz leite, o que dá à glândula mamária mais tempo para recuperação. Essa técnica é feita com o uso de antibióticos intramamários de longa duração e de selante de teto administrados conforme indicação do veterinário durante o início do período seco do animal. Dessa forma, obtêm-se excelentes taxas de cura de mastites subclínicas e previnem-se novas infecções entre a secagem e o parto. Com os cuidados e tratamentos adequados, quem ganha é o produtor: na qualidade do seu produto, o leite, no aumento da produtividade e na saúde do rebanho.

Boas práticas de manejo melhoram índices reprodutivos

Não é só contra a mastite que o manejo cuidadoso do animal faz a diferença. Os ganhos também são visíveis na reprodução, com aumento da taxa de concepção e diminuição das perdas gestacionais ao longo da lactação. Mas, para isso, é preciso que a engrenagem entre a sanidade, o bem-estar e a nutrição esteja funcionando perfeitamente. Segundo o veterinário Marco Aurélio Bergamaschi, da **Embrapa** Pecuária Sudeste, a reprodução só ocorre quando todas essas necessidades forem satisfeitas. Conforme Bergamaschi, o ideal é que a fêmea tenha o primeiro parto aos 24 meses de idade e que a lactação se mantenha por 10 meses. Os animais em lactação precisam ser manejados pelo menos duas vezes ao dia, no momento da ordenha. São nesses períodos que o produtor deve ficar alerta para identificação do cio. O trabalho é imprescindível para a realização dos acasalamentos, motivo pelo qual requer profissionais devidamente treinados e capacitados a identificar os 'sinais' emitidos pelos animais. Para o veterinário, a partir do momento em que adotar o manejo reprodutivo na fazenda, o produtor pode obter resultados em um tempo relativamente curto, cerca de um Leite ano. A reprodução das vacas precisa ser regular, buscando intervalo entre partos de 12 meses. 'Em um manejo eficiente, faltando 30 dias para o parto, a vaca deve ser colocada em piquete separado, chamado de maternidade, com disponibilidade de pasto, sombra e água', lembra. As boas condições corporais antes do parto contribuem para uma melhor performance no pós-parto. Por isso, uma dieta balanceada de acordo com as necessidades nutricionais de cada estágio é fundamental. O produtor também precisa de um plano de prevenção de doenças por meio de vacinação, que deve abranger as doenças reprodutivas, principalmente brucelose e leptospirose. Outro aspecto importante é a seleção genética do rebanho. Descartar os

animais inferiores ou que apresentam problemas reprodutivos contribui para melhorar a produtividade da fazenda. No caso do bem-estar, deve-se garantir uma convivência harmoniosa entre homem e animal. 'Bater e gritar é inconcebível em um sistema de produção', ressalta. O rebanho também necessita ter à disposição sombra, água de qualidade e em quantidade suficiente, local de descanso e corredores livres de sujeira, buracos, pedras e tocos. 'Se um animal passa por estresse térmico, a perda pode ser entre 20 e 30% tanto na reprodução, como na produção de leite, dependendo do grau de estresse a que foi submetido', conta o veterinário. Bergamaschi chama atenção para o gerenciamento das informações relativas ao rebanho (datas de nascimento, acasalamento, secagem e parição, pesagens e controle leiteiro). De acordo com ele, é importante anotar todos os eventos ocorridos. Manter um relatório completo de cada animal da fazenda é recomendável para estabelecer a programação dos manejos necessários, tais como, secagem, vacinações pré-parto e acompanhamento da parição. Por fim, o veterinário recomenda a adoção de um programa de avaliação na propriedade, com visita mensal de um profissional especializado para avaliar os animais nos diferentes estágios reprodutivos. 'De forma geral, as novilhas com idade e peso para reprodução são examinadas para verificar a maturidade sexual; é feito o diagnóstico de gestação nas fêmeas inseminadas; nas recém-paridas, observa-se a involução uterina, e as vacas sem histórico de acasalamento ou vazias são examinadas para diagnosticar problemas que as impedem de ficarem prenhas novamente, como a presença de infecções ou cistos ovarianos', explica Bergamaschi.

Assuntos e Palavras-Chave: Matérias com Citação da Embrapa - Embrapa, Embrapa Pecuária Sudeste